

## SOCIALISMO E REVOLUÇÃO NAS PÁGINAS DO *CLARTÉ*

Michel Goulart da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo discute-se o processo de constituição do Grupo Clarté e a publicação de uma revista de mesmo nome no Brasil. A estruturação do grupo e da revista se inserem em um contexto internacional de reorganização política do movimento operário, marcado pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Russa. Esse processo de reorganização parece ter exercido forte influência na sociedade brasileira e, da mesma forma, de construção do Grupo Clarté no Brasil.

**Palavras-Chave:** Grupo Clarté; Revolução Russa; Socialismo.

### SOCIALISM AND REVOLUTION IN THE PAGES OF THE *CLARTÉ*

**Abstract:** This article discusses the process of articulation of the Clarté Group in Brazil. This process of construction is part of an international context of reorganization, marked by the First World War and the Russian Revolution. These political processes have influenced Brazilian society and, in different ways, are part of the process of building the Clarté Group in Brazil.

**Keywords:** Clarté Group; Russian revolution; Socialism.

---

\* O presente texto é a versão modificada de parte da tese de doutorado intitulada “Entre a foice e o compasso: socialismo e maçonaria na trajetória de Everardo Dias na Primeira República”, defendida em 2016.

<sup>1</sup> Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). E-mail: michelgsilva@yahoo.com.br

Em março de 1921 foi divulgada na imprensa operária brasileira uma carta do Clarté, de Paris, onde se afirmava ter o grupo “o objetivo de difundir, como uma religião experimental, o amor pelas doutrinas que ponham a nu os males passados e que mostrem quais são os princípios de justiça, de verdade e de beleza que nos alentam a buscar-lhe remédio” (“Aos intelectuais da América Latina”, *A Vanguarda*, 16/03/1921). Pouco tempo depois, em setembro, foi publicada no Rio de Janeiro a primeira edição da revista *Clarté*. O grupo que editava a revista no Brasil, reunindo um conjunto de intelectuais de diferentes origens políticas e teóricas, tinha como objetivo, segundo um de seus membros, “a defesa da Revolução Russa e a divulgação da obra social e cultural dos Soviéticos, que não era compreendida por uns e difamada por outros” (DIAS, 1962: 105).

O Grupo Clarté se insere em um contexto de mudanças nas organizações do movimento operário brasileiro, no período que antecede a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB). Em 1917, depois da Revolução Russa, “os militantes sindicais, pequeno-burgueses e operários, na sua grande maioria de formação anarquista e, também, alguns intelectuais começaram a buscar novas formas de organização” (BANDEIRA, 2004: 206). Nesse cenário surgiram organizações que misturam, de diferentes formas, elementos teóricos do anarquismo, do socialismo reformista e do comunismo, expressando posições bastante difusas ou mesmo contraditórias, que Everardo Dias (1962: 102), um dos seus ativos participantes, definiu como um “confusionismo teórico”. Nesse período, “a revolução russa introduziu, no movimento operário brasileiro, novas ideias, novos conceitos, novas palavras, embora, inicialmente, de forma vaga e confusa” (BANDEIRA, 2004: 203).

Em 1917, as informações acerca do processo revolucionário russo que chegavam ao Brasil eram escassas, fazendo com que críticos e defensores elaborassem suas posições a partir das poucas informações disponíveis. Faltava a todos, segundo Moniz Bandeira (2004: 204), inclusive à intelectualidade, a informação exata e precisa sobre o tipo de regime que, na Rússia, se implantava”. Everardo Dias (1962: 103-4), que vivenciou o período, afirma que faltava “a todos nós, militantes da América, convicção alicerçada na verdade, para emitir opinião acertada a respeito da Revolução Russa”.

Por outro lado, a partir de 1917, percebe-se uma significativa diferença na forma de organização dos socialistas, materializado no surgimento de uma “multiplicidade dos

partidos e jornais socialistas nos estados que apresentam intenção própria, mas que indiretamente serviram de apoio à ideia comunista” (CARONE, 1989: 81). Inclusive, em 1917, uma dessas tentativas de organização política, apesar de sua proposta reformista, envolveu parte dos futuros membros do Grupo Clarté em torno de uma nova tentativa de criação de um Partido Socialista do Brasil (SILVA, 2016: 126).

Embora os primeiros grupos socialistas tenham se organizado nas décadas iniciais da República, eram limitadas regionalmente e não se consolidaram. O fenômeno que se observa no pós-guerra tem algumas características diferentes, organizando-se, ao mesmo tempo, em diferentes estados e sofrendo certa influência, ainda que limitada, da Revolução Russa. Esses elementos mostram as mudanças pelas quais o movimento operário passava no período, quando se acelera “o processo contraditório entre as correntes operárias dominantes, que estão em crise, e os novos modelos de luta” (CARONE, 1989: 81). Entre 1919 e 1921, observa-se um “lento processo, que ainda não representa ruptura com o passado, mas que apresenta indícios desta mudança, indícios esses que irão tomar rapidamente forma mais coerente e ser elo de ruptura radical de 1922” (CARONE, 1989: 84). Embora seja possível relativizar essa pretensa ruptura promovida pela fundação do PCB, percebe-se que os pequenos núcleos de ação espalhados por diversas regiões do Brasil “exprimem desejo de superação do impasse ideológico em que vivem, e que vão demonstrar interesse em criar organismo partidário amplo, coeso e moderno” (CARONE, 1989: 84). Esse desejo de superação, ainda que parcialmente, convergiu na construção do PCB, observando o paulatino crescimento do apoio de diversos setores à Revolução Russa.

Neste artigo discute-se o processo de articulação do Grupo Clarté no Brasil. Esse processo de construção se insere em um contexto internacional de reorganização, marcado pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Russa. Esses processos políticos exerceram influência na sociedade brasileira e, de diferentes formas, se inserem no processo de construção do Grupo Clarté no Brasil.

### **Da França ao Brasil**

Na França, o Grupo Clarté se constituiu como parte do movimento de reação contra a Primeira Guerra Mundial e no interior de uma tradição do pacifismo e do socialismo

reformista francês. Nesse contexto se coloca a ideia de criação de uma “Internacional do Pensamento”, cuja origem remonta aos esforços do escritor Romain Rolland, entre 1916 e 1917. Com vistas a mobilizar a intelectualidade contra a guerra, Rolland pretendia “fundar um movimento internacional para a preservação da independência intelectual, diante das pressões para os engajamentos nacionais na guerra” (HALL; PINHEIRO, 1986: 252). Essa preocupação foi apresentada por Rolland em dois manifestos por ele redigidos, *Pour l'internationale de l'Esprit* (1918) e *Déclaration de l'indépendance de l'Esprit* (1919).

Publicada em *L'Humanité*, jornal do Partido Socialista Francês, a *Declaração de independência do espírito* contou com a assinatura de Henri Barbusse (França), Benedetto Croce (Itália), Georges Duhamel (França), Albert Einstein (Alemanha), Hermann Hesse (Alemanha), Bertrand Russell (Inglaterra), Stefan Zweig (Áustria), entre outros. No manifesto denunciava-se que “a maior parte dos intelectuais tinha colocado sua ciência, sua arte, sua razão a serviço dos governos”, afirmando que a missão e o dever dos signatários do manifesto seriam “manter um ponto de referência, mostrar a estrela polar na noite, no tumulto das paixões” (“Fièrre declaration d'intellectuels”, *L'Humanité*, 26/06/1919). Os signatários do manifesto se comprometiam a

não servir a nada mais que à livre Verdade, sem fronteiras, sem limites, sem preconceito de raças ou de castas. Certamente não nos desinteressamos pela Humanidade. Para ela trabalhamos, mas para ela sua totalidade. Não conhecemos os povos; conhecemos o Povo – único, universal – o Povo que sofre, que luta, que cai e volta a se levantar, que sempre avança pelo caminho difícil, coberto de suor e sangue... o Povo de todos os homens, todos eles, igualmente, nossos irmãos (“Fièrre declaration d'intellectuels”, *L'Humanité*, 26/06/1919).

Quase simultaneamente, alguns dos que assinaram o manifesto proposto por Rolland “se esforçavam em interessar os intelectuais pela ideia de uma organização com núcleos em vários países e de uma revista internacional” (HALL; PINHEIRO, 1986: 252). Esses intelectuais, dispostos a articular uma “Internacional do Pensamento”, viriam a constituir o Clarté, colocando-se a missão de “combater os preconceitos, os erros, a ignorância, que separam e isolam os homens e permitiram até este momento cegamente lançá-los uns contra os outros”, e mostrando um grande otimismo em relação ao momento político, chegando a afirmar que “a democracia é invencível” (Henri Barbusse, “Le groupe Clarté”, *L'Humanité*, 10/05/1919).

O grupo e a revista, que tinham à sua frente o escritor Henri Barbusse e que ganhou o nome de um dos seus romances, *Clarté*, era bastante heterogêneo, reunindo intelectuais que posteriormente aderiram ao comunismo, como Barbusse e Raymond Lefebvre, e outros que se mostraram críticos, como o escritor Anatole France. Segundo o estatuto do Grupo *Clarté*, foram membros fundadores: Georges Brandes, Paul Colin, Victor Cyril, Georges Duhamel, Eckhoud, Anatole France, Noel Garnier, Charles Gide, Thomas Hardy, Henri-Jacques, Vicente Blasco Ibáñez, Andréa Latzko, Laurent Tailhade, Raymond Lefebvre, Magdeleine Marx, E. D. Morel, Edmond Picard, Charles Richet, Jules Romains, René Schicklé, Séverine, Upton Sinclair, Steinlen, Vaillant Couturier, H. G. Wells, Israel Zangwill, Stephen Zweig (BARBUSSE, 1921: 119-120).

O grupo se colocava na contracorrente do relativo consenso nacional em apoio à guerra, que unificava não apenas intelectuais de esquerda e direita, mas inclusive parte da militância socialista. No dia 4 de agosto de 1914, o Partido Socialista havia votado “unanimemente pela aprovação de verbas militares e pelos projetos de lei objetivando a organização da defesa nacional” (JOFFILY, 2012: 34). Como consequência desse apoio, o partido francês e os socialistas de demais países enfrentariam profundas dissidências. Por fora do aparente consenso em torno da defesa nacional, na França e nos demais países, alguns intelectuais e sindicalistas socialistas, oriundos de diferentes grupos políticos, entre os quais os membros do movimento *Clarté*, procuraram reunir-se para resistir à guerra.

Em 11 de outubro de 1919, foi publicado o primeiro número da revista *Clarté*, no qual foram divulgados os estatutos do grupo, que se apresentava como uma “liga de solidariedade internacional para o triunfo da causa internacional” (HALL; PINHEIRO, 1986: 254). Embora alguns dos membros da organização francesa tenham se aproximado das posições da Terceira Internacional, o Grupo *Clarté* não aderiu explicitamente ao comunismo. Em dezembro de 1920, o congresso do Partido Socialista, realizado em Tours, consagrou a vitória dos partidários da Internacional Comunista no interior do partido. Depois do congresso, um setor minoritário entre os membros de *Clarté* tendeu “a orientar o movimento sob a bandeira do novo Partido Comunista” (WINOCK, 2000: 218). Barbusse, apesar de sua simpatia pelo comunismo, não aprovou a aproximação do Grupo *Clarté* com o partido, manifestando-se a favor de que fosse preservada a independência do movimento.

Interrompida em setembro de 1921, a publicação de *Clarté* retorna dois meses depois, passando a periodicidade de revista semanal para bimensal, mantendo o mesmo nome. Ainda que Barbusse se mantivesse como editor, “a nova revista pouco tem a ver com a anterior, concentrando-se na crítica cultural e em atividades políticas, mais articuladas estritamente com o Partido Comunista Francês” (HALL; PINHEIRO, 1986: 256). Desde a fundação da Terceira Internacional, Barbusse vinha se aproximando da nova organização, tendo afirmado, em dezembro de 1919, que a doutrina política desta se aproximava do “ideal social” do Grupo Claté (BARBUSSE, 1921: 109).

A revista *Clarté*, além de difundir as ideias do movimento, serviu de inspiração para publicações em outros países, onde os grupos assumiam características bastante variadas. Na Itália e na Inglaterra, intelectuais e escritores inicialmente foram atraídos pelo pacifismo do *Clarté*, mas se afastaram devido à aproximação do grupo com o comunismo. Na Grécia, por outro lado, *Clarté* fundou o Partido Comunista, enquanto na Escandinávia o grupo assumiu posições anticomunistas (HALL; PINHEIRO, 1986: 256-7). Na América do Sul, o grupo mais influente foi o argentino, que, embora contasse com alguns membros do Partido Socialista entre seus participantes, “se manteve independente e serviu como um importante espaço para a reunião de intelectuais de esquerda de variadas tendências” (HALL; PINHEIRO, 1986: 257).

Estiveram ligados ao *Clarté* argentino Enrique del Valle Iberlucea e José Ingenieros, que parecem ter exercido influência sobre o grupo brasileiro. Segundo Cláudio Batalha, Ingenieros teve contato com líderes socialistas brasileiros a partir de sua colaboração com o jornal *Echo Operario*, do Rio Grande do Sul, passando “a ser visto como um dos autores que servem de referência teórica e ideológica, ao lado dos nomes que ajudou a difundir, a ponto de ser citado inclusive por aqueles sem nenhuma afinidade conhecida com o socialismo” (BATALHA, 2013: 279).

Ingenieros mantinha relação com um setor do Partido Socialista da Argentina conhecida como *terceiristas*, onde se aglutinavam os defensores da Internacional Comunista, liderada pelo então senador Iberlucea. Um grupo de jovens militantes, influenciados pela Revolução Russa, acompanhou as posições defendidas por Iberlucea. Em janeiro de 1921, na cidade de Baía Blanca, o congresso do Partido Socialista discutiu a proposta de adesão à Internacional Comunista, que foi rechaçada, sendo expulsos do

partido os defensores das posições terceiristas. Esses militantes, em fevereiro de 1921, realizaram o “Congresso das Esquerdas”, e deliberou-se pela adesão do grupo no Partido Comunista, fundado em 1918. Como parte desse processo, alguns jovens socialistas “se deram ao trabalho de publicar uma revista própria que difundisse o pensamento do marxismo revolucionário” (CORBIERE, 1987: 20). Produto dessa articulação foi a revista *Claridad*, dirigida por Carlos Troncoso, e contando com a contribuição financeira de José Ingenieros.

Ingenieros, no livro *Los tiempos nuevos*, publicado originalmente em 1920, faz uma longa análise do contexto econômico e social da Rússia posterior à revolução, destacando seu papel para a difusão de novas ideias. No texto “La internacional del pensamiento”, Ingenieros afirma que “os povos da Rússia derrubam a autocracia, lutam contra os que prosperam nas sombras da guerra”, vencendo “exércitos de mercenários movidos pelo ouro de credores” (INGENIEROS, 1950: 73). Ingenieros aponta o regime político russo como exemplo de uma “democracia funcional”, a partir de seu “sistema de conselhos”, representando “*uma nova filosofia política*, que visa o desenvolvimento do sistema representativo federal” (INGENIEROS, 1950: 80).

No Brasil, ainda de 1919, surgiu uma organização que se apresentava como Grupo Comunista Brasileiro Zumbi. O grupo, cujo nome fazia menção ao “admirável Spartacus negro da nossa História, que reuniu em torno de si um grupo de escravos rebelados e formou a República dos Palmares”, anunciou que logo se filiaria ao Clarté de Paris, possibilitando aos brasileiros “colaborar com os intelectuais de todo o mundo no advento da República Universal” (“Grupo Comunista Brasileiro Zumbi”, *A Plebe*, 27/12/1919). Em seu programa o Grupo Zumbi afirmava ser “contra a ditadura republicana, contra o domínio da burguesia sobre as outras classes, contra o culto das incompetências, contra a exploração organizada, contra a mentira oficial” (“Grupo Comunista Brasileiro Zumbi”, *A Plebe*, 27/12/1919). Em oposição, afirmava colocar-se

pelo homem livre sobre a terra livre, pela emancipação da mulher, pelo culto à criança, que é o homem de amanhã, pela abolição dos privilégios de classe, pela ordem proveniente de um mútuo acordo entre os homens, pela República Universal onde todos trabalhem e onde todos tenham direito à vida (“Grupo Comunista Brasileiro Zumbi”, *A Plebe*, 27/12/1919).

Existem poucas informações acerca da atuação do grupo, embora Afonso Schmidt, um dos seus membros mais conhecidos, mencione em depoimento posterior que estavam entre os fundadores do grupo paulista “intelectuais ligados à imprensa operária paulista e carioca, como Astrojildo Pereira, Edgard Leuenroth, Everardo Dias, Gigi Daminiani, Maximiliano Ricardo, Andrade Cadete Silvio Floreal” (PAULINO, 2002: 86). Embora o grupo se afirmasse como comunista, o conteúdo do seu manifesto estava “muito mais próximo da insatisfação dos intelectuais brasileiros de classe média da época” (HALL; PINHEIRO, 1986: 259). Além disso, parte das ideias defendidas no manifesto “são bastante diferentes em seu espírito da maior parte daquilo que os nomes indicados por Schmidt estavam publicando na imprensa operária da época” (HALL; PINHEIRO, 1986: 260). Parece que as atividades do Grupo Zumbi estiveram limitadas à publicação do manifesto, como sugere o próprio Schmidt, ao afirmar que o “apagado” Grupo Zumbi, “de grandioso, só apresentava uma coisa: o programa” (CARONE, 1979: 336).

### **O Grupo Clarté no Brasil**

Embora a experiência do Grupo Zumbi tenha alcançado pouca projeção, no ano seguinte a imprensa operária continuou a discutir Barbusse e o Clarté. Contudo, apenas em 1921, após a divulgação de um apelo aos latino-americanos assinado por Henri Barbusse e Anatole France, foram dados passos concretos na organização de um coletivo ligado ao Clarté no Brasil. O apelo se dirigia à “falange magnífica de escritores, artistas e estudantes que anelam renovar os valores morais e estéticos dos povos jovens da América Latina” (“Aos intelectuais da América Latina”, *A Vanguarda*, 16/03/1921). Na declaração a desigualdade e a exploração eram denunciadas de forma bastante genérica, buscando-se “estimular uma revolução nos espíritos, conforme os ideais que já alvorecem na nova consciência da humanidade” (“Aos intelectuais da América Latina”, *A Vanguarda*, 16/03/1921). Os autores do texto queriam que o apelo fosse ouvido por uma “minoridade seleta e clarividente, pelo melhor da juventude que estuda e sonha, por todos os intelectuais e artistas que confiam na possibilidade de melhorar a sociedade humana” (“Aos intelectuais da América Latina”, *A Vanguarda*, 16/03/1921).

Circulando na imprensa operária, o manifesto parece ter impactado de forma positiva alguns setores socialistas. Em março de 1921, no jornal socialista *A Vanguarda* afirmava-se que o esforço do grupo francês, “buscando congregar, numa espécie de Internacional do Pensamento, todas as inteligências livres, no mundo inteiro, em prol da propaganda das ideias novas que visam melhores dias para os homens, vai cada dia obtendo adesões valiosas e sinceras” (Mario Mattos, “Os intelectuais mineiros e o grupo Clarté”, *A Vanguarda*, 15/03/1921).

No jornal anarquista *O Combate* publicou-se resposta assinada por um grupo bastante diversificado, entre os quais alguns participaram da criação do Grupo Clarté, fundado meses depois. Nesse documento, publicado no começo de abril, afirmava-se:

Eis, pois, Camaradas Franceses, porque acudimos ao vosso apelo. Também nós – e nós particularmente – necessitamos que se realize a Revolução que pregais. Queremos que os espíritos se libertem dos odiosos prejuízos que constituem o substituto da era atual. A nossa palavra tem vibrado muita vez, na tribuna e na imprensa, postulando os princípios sobre os quais assentará a sociedade de amanhã. O nosso sonho, como o vosso, é o da união de todos os povos da terra, entregues ao labor fecundo da Paz, que há mais de mil anos, inutilmente, os homens aguardam (“A Internacional do Pensamento”, *O Combate*, 02/04/1921).

Apesar do uso do termo “revolução”, a transformação social defendida pelo manifesto é genérica e pouco precisa, ainda que alguns de seus signatários nesse período tenham vínculo com setores anarquistas ou sindicalistas revolucionários. Entre os nomes que assinaram o manifesto, encontram-se Afonso Schmidt, Coelho Cintra, Cristiano Cordeiro, Everardo Dias, Joaquim Pimenta e Lima Barreto. Não se sabe de forma precisa a relação entre a resposta publicada em março por esse grupo ao apelo dos intelectuais franceses e a efetiva organização do Grupo Clarté meses depois. Sabe-se, contudo, que esse primeiro texto inclui alguns destacados intelectuais e sindicalistas que não tiveram atividade no Grupo Clarté, como o escritor Lima Barreto, e não incluía um dos membros mais importantes do futuro grupo, Nicanor Nascimento.

Embora não se tenha detalhes sobre o início do funcionamento do grupo, sabe-se que a revista, também chamada *Clarté*, teve sete edições e foi publicada entre setembro de 1921 e janeiro de 1922, com uma tiragem média de dois mil exemplares. O grupo era dirigido por um Comitê Diretor, com sede na cidade do Rio de Janeiro, sendo “o único

autorizado a tomar todas as decisões concernentes à ação geral do Grupo” (“Estatutos da sociedade civil Clarté”, *Clarté*, 01/09/1921). Em sua primeira composição, o Comitê Diretor era composto por Luiz Palmeira, Evaristo de Moraes, Nicanor Nascimento, Everardo Dias e Antonio Correa da Silva. Everardo Dias mencionou, posteriormente, outros nomes que teriam tomado contato com Clarté, como Maurício Lacerda, Agripino Nazareth, Alcides Rosas, Teresa Escobar, Vicente Perrota e Francisco Alexandre (DIAS, 1962: 106). Everardo Dias também fez menção à existência de trinta apoiadores, entre os quais alguns líderes sindicais, mas não cita seus nomes.

No Brasil, diferente do grupo francês, o Clarté não reuniu importantes figuras literárias, mas lideranças políticas que ocuparam papéis de destaque em organizações sindicais ou na imprensa operária, ou mesmo como parlamentares. Everardo Dias era um militante anticlerical que veio a atuar como militante comunista, sendo o editor de um importante jornal, *O Livre Pensador*. Nicanor Nascimento, advogado, foi deputado federal pelo Rio de Janeiro entre 1911 e 1921. Evaristo de Moraes, advogado criminalista de grande renome, participou das campanhas pela República e pela Abolição, engajando-se em movimentos eleitorais, como as campanhas de Rui Barbosa à presidência. Antônio Correia da Silva, jornalista pernambucano, defendia posições sindicalistas revolucionárias. Luiz Palmeira era conhecido por ter sido um dos mentores, com seu irmão Álvaro Palmeira, da Coligação Social, frente eleitoral que tinha como principal objetivo reeleger Nicanor Nascimento como deputado federal, em 1920. Um dos possíveis fatores que explicam a diferença na composição do grupo brasileiro para o grupo francês talvez seja a particularidade de organização dos diferentes países, afinal, enquanto na França havia um partido socialista de grande peso político entre os trabalhadores, do qual muitos dos intelectuais que construíram o Clarté eram membros, no Brasil nunca houve um partido socialista com efetiva inserção no movimento operário.

Os membros do grupo brasileiro tinham trajetórias bastante diversas, ainda que seja possível perceber algumas características e redes que ligavam os membros de Clarté antes da fundação do grupo. Em primeiro lugar, faziam parte do setor que, tendo apoiado inicialmente a República, se afastou do regime à medida que ficava claro seu caráter centralizador e excludente. Muitos tiveram uma atuação conjunta, nas organizações operárias ou mesmo por meio da atuação parlamentar, na onda grevista no final da década

de 1910. Em segundo lugar, no plano ideológico, alguns eram socialistas reformistas, na medida em que centravam sua ação nas disputas institucionais, e outros anarquistas ou sindicalistas, embora defendessem suas posições como apoiadores externos do movimento operário e não como membros ativos dos sindicatos ou de outras associações de classe. Pode-se identificar também como um elemento comum aos membros do Clarté o fato de que, no período posterior à criação do grupo, parte deles ter apoiado ou mesmo participaram do primeiro governo de Getúlio Vargas. Destaca-se, por fim, a relação de alguns dos membros com a Maçonaria, podendo-se considerá-la como um possível espaço de sociabilidade e de articulação política dos membros do grupo (SILVA, 2016: 136-40).

### **Clarté e o socialismo**

Ainda que a revista tenha publicado grande quantidade de textos que apresentavam informações ao público brasileiro sobre a construção do socialismo na Rússia, o grupo não se comprometeu abertamente com o comunismo. O socialismo apresentado pelo Clarté no Brasil se mostrou, por um lado, bastante eclético em suas formulações teóricas e, por outro, se caracteriza por uma moderada perspectiva reformista, distante da perspectiva marxista. O Clarté no Brasil, em grande medida, era influenciado pelas ideias defendidas por Barbusse em uma fase “pacifista”, aproximadamente entre 1916 e 1919, ou seja, anterior à sua adesão ao comunismo. Percebe-se em seus documentos que o grupo brasileiro compartilhava

da mesma confiança sem limites da razão e no aperfeiçoamento humano e no mesmo comprometimento ardente, ainda que algo crítico, com a regeneração social, que caracterizam as ideias de Barbusse (HALL; PINHEIRO, 1986: 267).

O grupo brasileiro definiu seus princípios e programas em duas declarações publicadas no primeiro número da revista, em setembro de 1921. O primeiro texto é uma espécie de manifesto do grupo, em que se pode identificar referência tanto ao marxismo como ao positivismo, sem, contudo, apresentar uma perspectiva política clara ou construir uma análise específica acerca da situação do Brasil. O texto é bastante vago em suas formulações, iniciando com a seguinte frase: “O ambiente mundial determina uma situação

especial para os intelectuais emancipados de preconceitos” (*Clarté*, 01/09/1921). Na sequência afirma-se: “Nós pelejamos pela verdade na sua forma de conhecimento, e desenvolvida nas suas fórmulas superiores – a beleza e a justiça” (*Clarté*, 01/09/1921). Por essas passagens, pode-se afirmar que o texto não defende uma transformação da sociedade a partir de uma ruptura com o sistema econômico vigente, mas por um tipo de regeneração moral da humanidade.

O texto passa à análise da formação do capital, destacando que foi apropriado de forma individual, apesar do seu caráter social. Segundo o texto,

como fenômeno evolutivo, de natureza econômica, nasceu e cresceu o capital, indispensável à grande produção. As aquisições do passado – quer como capital material (matérias primas e instrumentos de trabalho) quer como conquista da inteligência e da adaptação profissional (elemento pessoal) são aquisições de natureza social (*Clarté*, 01/09/1921).

No texto afirma-se que foi o desenvolvimento crescente da espécie humana, organizada em sociedade,

que criou a mentalidade e acumulou os instrumentos de trabalho. Esta acumulação é social. Foi produzida e conservada por todos. Assim, cientificamente estudada a questão, o CAPITAL é SOCIAL, é da sociedade. Num momento dado, porém, foi a fórmula mais útil de produção a propriedade individual, como, em outro tempo, foi a coletiva, familiar ou feudal (*Clarté*, 01/09/1921).

Essa organização está relacionada com a constituição do Estado, que seria “o instrumento geral da ação sinérgica, coletiva”,

concentração de forças sociais para o bem comum. Com ele está sua fórmula – a lei. Por ele age a Justiça. Para lhe realizar os fins, organiza-se a administração e todas as forças e aparelhagens sociais de execução” (*Clarté*, 01/09/1921).

Contudo, esse caráter de bem comum se perdeu, na medida em que

as classes dominantes – pela evolução da mentalidade, mas quase sempre pela vitória material – apropriam-se de todo o aparelho do Estado e do Capital para realizar os próprios objetivos, à custa das classes vencidas (*Clarté*, 01/09/1921).

Nessa exposição inicial evidencia-se a ausência do referencial teórico marxista nas análises do Grupo Clarté. Por um lado, descreve-se uma dinâmica evolucionista na exposição do desenvolvimento econômico, sem abordar como elemento central a luta de classes. Por outro lado, o papel do indivíduo nesse processo é bastante destacado, eventualmente se aproximando de uma concepção liberal do processo histórico. Por outro lado, o Estado não é apresentado como um espaço de dominação da burguesia, mas como mediador de eventuais conflitos sociais, em um claro diálogo com o referencial teórico positivista (SILVA, 2016: 71-2). Esse caráter social e de justiça social teria se perdido não pela natureza da exploração do trabalhador, mas pela corrupção do ser humano pelo meio em que vive.

Para o Grupo Clarté, um importante marco história seria a Revolução Francesa, afinal ela teria destruído a ordem medieval, levando ao poder a burguesia. Contudo, segundo o texto, os fins declarados da Revolução fracassaram:

Conforme a lei sociológica, apenas se deu um deslocamento: o governo passou para as mãos da burguesia senhora do Capital. Esta – como a fidalguia – tratou de organizar o Estado para o gozo da classe. Houve vantagem na transformação, porque um grupo de mais numeroso de humanos passou a gozar de garantias sociais e dos bens produzidos. Mesmo os relegados para o plano inferior tiveram vantagens na difusão dos bens e da cultura (*Clarté*, 01/09/1921).

Em âmbito econômico, o texto se refere ao desenvolvimento da indústria, destacando o uso cada vez maior da técnica científica na produção, que teria levando a uma “colossal acumulação de capital em dinheiro, matérias-primas e maquinaria” (*Clarté*, 01/09/1921). Nesse cenário, Clarté aponta para algo que pode ser entendido talvez como seu objetivo de sociedade, reafirmando “a certeza de que o Capital é social e o Estado deve ser o instrumento de todos” (*Clarté*, 01/09/1921). Portanto, o capital não seria resultado da exploração do trabalho e o Estado não teria o papel de repressão da sociedade, como parte da dinâmica histórica e social, mas poderiam ser recuperados para o bem comum.

No que se refere à conjuntura política e social, o texto se dedica a analisar a Primeira Guerra. Segundo o documento,

precipitado pela febre da luta, ao conflito material em que as forças humanas foram lançadas – inconscientes – em uma peleja bestial, seguiu-

se uma competição de interesses inferiores e mascarados – não menos bestiais, que procuraram na exploração dos vencidos a saciedade dos apetites os mais grosseiros (*Clarté*, 01/09/1921).

Novamente neste ponto a vontade humana, corrompida pelo meio, teria sido um fator central na tragédia associada à guerra mundial. Como reação a essa “peleja bestial”, intelectuais e trabalhadores teriam se mobilizado de diferentes formas. Na Rússia, devido a condições internas favoráveis,

a explosão revolucionária teve feitiço catastróficos, que erradicou todos os institutos feudais, destruiu todos os aparelhos de exploração das classes nobres e burguesas – ali associadas – e tomou de assalto o Estado, cuja energia organizada logo pôs a serviço da classe vencedora (*Clarté*, 01/09/1921).

Não há uma caracterização precisa do que estaria acontecendo na Rússia, sem associá-lo a uma derrota do capitalismo e ao eventual surgimento de um regime socialista, ainda que o grupo pareça sugerir que aqueles acontecimentos pudessem se repetir no Brasil. Essa possibilidade, contudo, parecia ser minada pelo fato de que “a verdade sobre os acontecimentos mundiais era cuidadosamente ocultada, em parte pelos serviços telegráficos, que são subsidiados pelos governos interessados no obscurantismo” (HALL; PINHEIRO, 1986: 269). Com a publicação da revista *Clarté* seria possível produzir “um clima de atenuação às mentiras e calúnias veiculadas pelas agências telegráficas a serviço dos governos reacionários e imperialistas” (DIAS, 1962: 108).

Esse primeiro documento apresentava uma concepção mais geral do Grupo *Clarté*. O segundo documento, por outro lado, tinha como objetivo apresentar a compreensão de *Clarté* acerca de algumas questões específicos. Embora novamente José Ingenieros seja mencionado, não há uma explicação detalhada acerca de uma possível relação com as primeiras tentativas de articulação do *Clarté* da Argentina. O documento produzido pelos brasileiros tem algumas semelhanças com o texto “Los ideales del Grupo Claridad”, publicado por José Ingenieros, em 1920. Contudo, apesar das possíveis semelhanças, os brasileiros modificaram o programa proposto pelo intelectual argentino, “retirando quase tudo que pudesse parecer mais ousado de uma proposta já não particularmente militante ou

revolucionária, tornando-a ainda mais estatizante e ainda mais reformista” (HALL; PINHEIRO, 1986: 270).

Nessa segunda declaração, também publicada na primeira edição da revista do grupo, são apresentadas algumas proposições bastante genéricas acerca de temáticas diversas, que esclarecem os elementos reformistas do socialismo defendido pelos membros de Clarté. Por exemplo, no item de política internacional defendem o “direito de autodeterminação dos povos, contra todo o imperialismo, quer político, quer econômico” e a “solidariedade moral com os povos que lutam pela extinção dos privilégios e tendem a organizar um regime social novo fundado na cooperação dos produtores” (Clarté, 01/09/1921). Essa é a única menção na declaração que se pode aproximar de uma defesa da Revolução Russa, embora não mencione diretamente esse processo revolucionário e nem mesmo faça uma defesa da superação do capitalismo. No texto defende-se o direito dos povos à autodeterminação, sem apresentar a construção do socialismo como projetos de sociedade.

No que se refere às questões econômicas, a declaração defende a “extensão do controle social a todos os ramos de produção e de consumo, com a fiscalização o mais rigorosa dos intermediários (enquanto existirem)” e a “posse gradativa e coletiva dos grandes meios de produção pelos produtores tecnicamente organizados” (Clarté, 01/09/1921). Esse ponto demonstra a compreensão gradualista da transformação da economia, quando se fala da de ampliação do controle dos trabalhadores sobre a economia, sem apontar para o fim da propriedade privada dos meios de produção.

No item que se refere à “ordem moral”, apresentam algumas posições que os aproximam da imprensa anticlerical, como a defesa “educação integral que capacite os seres humanos para desempenhar funções à sociedade”, a “proscrição de todas as superstições e dogmatismo do ensino” e a “defesa ampla da liberdade de pensar” (Clarté, 01/09/1921). Esses defensores do livre-pensamento, igualmente, apontavam para a necessidade de “propiciar a convergência de todas as forças intelectuais que se inspirem na visão do futuro social mais justo e igualitário” (Clarté, 01/09/1921). Este é possivelmente o centro do projeto de Clarté, em sua frente internacional, reunindo em um novo projeto político as mais diferentes forças, fossem socialistas, liberais ou qualquer outra formulação que defendesse um futuro justo e igualitário. No manifesto de fundação do grupo uruguaio,

afirmava-se que em *Clarté* “cabem todos os homens livres, capazes de olhar de frente o futuro, sejam quais forem suas tendências e opiniões particulares”, não sendo ligado a “nenhum dogma” (BARBUSSE, 1921: 127-8).

Em outros textos publicados na revista, assinados pelos diferentes colaboradores, alguns desses temas foram novamente explorados, expressando que “pontos de vista que por vezes davam a impressão de uma visão mais crítica e militante do que aparecia nessas declarações iniciais” (HALL; PINHEIRO, 1986: 273). Contudo, ainda que eventualmente alguns dos textos apresentem posições mais críticas do que aquelas defendidas nos primeiros documentos do grupo, eles não se propõem a superar as posições reformistas de socialismo. Embora sejam comuns, as críticas ao capitalismo e à burguesia têm um conteúdo predominantemente moral e são bastante genéricas. Em texto de setembro de 1921, referindo-se à burguesia, Everardo Dias afirmava:

o seu espírito mercantilista promove guerra internacionais, tanto para ter novos seres e territórios para explorar, como para distrair e enganar, com o espantinho da pátria – que não reconhece – as multidões ignorantes e embrutecidas por largos séculos de escravidão, que o clero de todas as religiões reforça, e eficazmente (Everardo Dias, “De século a século”, *Clarté*, 15/09/1921).

Nessa lógica, as ações da burguesia não se relacionam a relações sociais concretas, com vistas à obtenção da mais valia, mas à vontade dessa classe em explorar e expandir seu poder, enganando as “multidões”. Portanto, a exploração do trabalho não seria uma relação social objetivo, mas sim o produto da vontade de um indivíduo. Por outro lado, as multidões não seriam sujeitos históricos conscientes, mas uma massa ignorante e embrutecida enganada pela burguesia, pelo Estado e mesmo pelo clero. Como consequência desse, seria possível criar a ilusão de que a burguesia se convenceria da maldade de suas ações e entregaria o poder aos trabalhadores. O texto pedia à burguesia para deixar de lado a pressão sobre os demais cidadãos, deixando-os tão livres quando lhes permitisse seu “estado natural”. Se assim o fizesse, segundo Everardo Dias, as lutas sociais desapareceriam,

unindo em feliz consórcio os antigos proletários com os burgueses que a partir desse momento formarão todos o conjunto social mais belo que se pode imaginar, e, dando cada um o que a sua força muscular ou intelectual

Ihe permita, terá direito de sentar-se à mesa do grande banquete social, satisfazendo-se com a sua abundância ou sofrendo com a sua míngua (Everardo Dias, “De século a século”, *Clarté*, 15/09/1921).

Em alguns artigos faz-se referência à luta de classes, denunciando-se, a partir de diferentes aspectos, a propriedade privada. Nicanor do Nascimento, em artigo publicado na última edição de *Clarté*, em janeiro de 1922, se refere ao “regime de propriedade individual” para designar o sistema econômico capitalista, comparando-o a um tipo de guerra. Para acabar com essa guerra, seria “indispensável mudar a face econômica da Terra, entender que chegamos a tal estado de civilização que a luta não precisa mais ser entre os indivíduos da mesma espécie” (Nicanor Nascimento, “A farsa do desarmamento”, *Clarté*, 01/1922). Sem se referir diretamente à luta de classes, Nascimento aponta que sua superação não passa pela revolução, mas por se assumir um espírito que faça a humanidade deixar de se explorar e, nas palavras do próprio Nascimento, acabar com a “luta do homem contra o homem” (Nicanor Nascimento, “A farsa do desarmamento”, *Clarté*, 01/1922). Nesta passagem, novamente, a exploração capitalista não se constitui em uma relação social, mas produto da vontade de alguns indivíduos.

### **Clarté e a Revolução Russa**

Um dos temas mais frequentes que apareceram na revista *Clarté* se referem à Revolução Russa e seus desdobramentos. Everardo Dias afirmava que *Clarté* tinha como objetivo “a defesa da Revolução Russa e a divulgação da obra social e cultural dos Sovietes” (DIAS, 1962: 105). Contudo, as frequentes referências à Revolução Russa e o apoio expresso às ações do governo soviético, presentes em textos da revista, não significaram uma adesão política ao comunismo por parte do grupo. Em texto não assinado, publicado em novembro de 1921, o grupo afirmava: “*Clarté* nem é burguesa nem soviética” (“A renovação”, *Clarté*, 11/1921). O grupo parecia demonstrar mais interesse na solidariedade com os povos oprimidos, presente em seus princípios gerais, do que na defesa do comunismo enquanto projeto de sociedade.

É possível dividir em dois tipos os textos que se referem à Revolução Russa publicados na revista. Um primeiro conjunto de textos é constituído por traduções de alguns

documentos produzidos por lideranças soviéticas. Na primeira edição da revista publicou-se, por exemplo, o texto “O soviétismo e sua grande obra escolar”, escrito por Anatoly Lunacharsky, Comissário do Povo para a Instrução Pública. Publicaram-se também textos de Lênin, como o “Decreto sobre o trabalho obrigatório”, e documentos da Internacional comunista, como a “Resolução do Primeiro Congresso da Internacional Sindicalista Comunista”. Os textos das lideranças revolucionárias russas, traduzidos de línguas como o francês ou o inglês, tinham como objetivo trazer informações, ainda que parciais, das ações promovidas pelo governo bolchevique.

O segundo conjunto é constituído por textos dos colaboradores de *Clarté* sobre questões relacionadas à Revolução Russa. Por exemplo, o texto “Campanha difamatória”, escrito por Coelho Cintra, é bastante exemplar da compreensão que o Grupo Clarté tinha acerca da Revolução Russa. Segundo o autor, esta seria “a única até hoje realmente baseada sobre os alicerces da verdadeira democracia, representada por todas as classes produtoras de um país” (Coelho Cintra, “Campanha difamatória”, *Clarté*, 11/1921). O caráter verdadeiramente democrático teria sido a razão para, nos seus quatro anos, até aquele momento o processo revolucionário russo “não tem tido o sossego necessário para poder organizar-se convenientemente, atormentada constantemente por seus inimigos em lutas internas e externas” (Coelho Cintra, “Campanha difamatória”, *Clarté*, 11/1921). Em meio à “campanha difamatória”, segundo Cintra,

tudo, que ofende, já tem sido dito; de tudo já lançaram mão para o descrédito do soviétismo russo. E, no entanto, nada disso lhes tem valido para destruir no fundo a coisa em si: o poderio do operariado a dirigir-se, independente das antigas normas da burguesia capitalista, com suas hipócritas democracias de parlamentos inúteis (Coelho Cintra, “Campanha difamatória”, *Clarté*, 11/1921).

Outro texto compara a estrutura do Estado nos regimes capitalista e comunista, afirmando que, no primeiro caso, a representação do Estado seria “de todas as classes”, ou seja, “todos os grupos da população seriam eleitos pela população em geral e resolveria a situação política dos russos formando-lhe o governo” (*Clarté*, 15/09/1921). Portanto, as classes dominantes no capitalismo, como a burguesia ou os grandes donos de terras, teriam sua representação no Estado. Contudo, no Estado soviético, “conforme a querem os majoritários bolchevistas, as classes que não trabalham não têm voto nem nenhuma

participação nas coisas públicas”, ou seja, “só vota quem é obreiro, camponês pobre, funcionário, soldado, marinheiro propagandista etc.” (*Clarté*, 15/09/1921).

Nesse conjunto de textos encontram-se também algumas polêmicas com outras correntes que criticam os comunistas russos. Nicanor Nascimento publicou texto criticando os anarquistas por afirmar que o regime soviético seria mais violento que o dos czares, chegando-se a falar em “terrorismo dos maximalistas” (Nicanor Nascimento, “Anarquismo e bolchevismo”, *Clarté*, 15/09/1921). Para os bolcheviques, segundo Nicanor Nascimento, “a violência deve ser empregada, o aparelho do Estado deve ser utilizado – mesmo depois de vitoriosa a revolução – para exterminar o orgulho burguês, dominar todas as resistências e implantar a IGUALDADE. Não a liberdade” (Nicanor Nascimento, “Anarquismo e bolchevismo”, *Clarté*, 15/09/1921). Os comunistas seriam partidários de “uma ditadura de ferro dos obreiros sobre os capitalistas e de todos os demais adoradores da antiga sociedade” (Nicanor Nascimento, “Anarquismo e bolchevismo”, *Clarté*, 15/09/1921). Nascimento ressaltava que o Estado revolucionário pode cumprir o papel de organizador da sociedade, afirmando:

O Estado socialista comunista, socializará, tomará toda a riqueza, os instrumentos de produção, monopolizará a grande indústria; e, com este processo de concentração, e com estatísticas seguras de produção e de consumo, regularizará a produção (Nicanor Nascimento, “Anarquismo e bolchevismo”, *Clarté*, 15/09/1921).

Embora defendesse as conquistas da Revolução Russa, o Grupo *Clarté* não se furtava a mencionar eventuais recuos no projeto político soviético. Em alguns textos eram comentadas as eventuais dificuldades do socialismo em construção, como em texto que aparentemente faz menção à Nova Política Econômica (NEP). No texto publicado em *Clarté* afirmava-se:

Os chefes do Governo Republicano Russo, na técnica do Governo, na realidade do Governo, tentando realizar o MARXISMO, estão forçados a reconhecer a necessidade de um longo período de transição, intermediário, dentro do qual se tem de fazer a transformação econômica da sociedade russa (*Clarté*, 15/10/1921).

Implantada a partir de 1921, a NEP foi a política econômica seguida pelo governo soviético em substituição ao comunismo de guerra. Com o fim da Guerra Civil, a economia

rusa estava praticamente destruída. O PIB chegou a um terço do de 1913 e a produção industrial era menor do que um quinto da anterior à Primeira Guerra. Além de outros fatores, como a diminuição da produção de carvão e da fundição de ferro, “a classe operária tinha diminuído qualitativamente em relação à sua força anterior. Grande parte dos operários mais conscientes morreu no front durante a Guerra Civil” (SAGRA, 2010: 89). Com o objetivo de fazer com que o país saísse da crise em que se encontrava, a NEP recuperou alguns traços de capitalismo, com objetivo de incentivar a incipiente economia soviética, partindo de alguns princípios, como a liberdade de comércio interno, a autorização para o funcionamento de empresas particulares e a permissão de entrada de capitais estrangeiros para a reconstrução do país.

### **Entre a reforma e a revolução**

O *Clarté* brasileiro compunha um setor do socialismo que, embora tenha manifestado simpatia pela Revolução Russa, não aderiu ao comunismo. Em âmbito internacional, alguns grupos de *Clarté* ou alguns de seus membros se envolveram o comunismo ao longo dos primeiros anos da década de 1920. Barbusse aderiu ao Partido Comunista Francês em fevereiro de 1923. Publicou-se nas páginas de *Clarté* do Brasil, em novembro de 1921, um documento onde são apresentados os propósitos dos grupos *Clarté*, “que se convertem em colaboradores, no terreno intelectual, do Partido Comunista” (“La intelectual comunista”, *Clarté*, 11/1921). Nesse documento, defendia-se “que a ordem social deve desaparecer e dar lugar a uma ordem nova, fundada sobre os princípios absolutos do comunismo” e “que o estabelecimento dessa nova ordem não pode vir de uma série sucessiva de reformas, mas da destruição radical do sistema capitalista” (“La intelectual comunista”, *Clarté*, 11/1921). O grupo, definindo-se como um “centro de educação revolucionária internacional”, afirma que tinha como objetivo “aportar à tarefa do Partido Socialista Comunista uma contribuição de ordem mais especialmente intelectual” (“La intelectual comunista”, *Clarté*, 11/1921). Por outro lado, *Clarté* afirmava que não era um partido, pois “o partido político que responde a essas concepções já existe: é o partido Comunista Internacional” (“La intelectual comunista”, *Clarté*, 11/1921).

No Clarté do Brasil, como se verifica pelas posições defendidas por seus membros, havia uma grande simpatia por uma versão reformista de socialismo. Por outro lado, no processo de reorganização do movimento operário, percebe-se que o impacto do Grupo Clarté para a construção do PCB foi bastante pequeno ou mesmo nenhum, considerando que apenas Everardo Dias e Afonso Schmidt se vincularam ao partido. O projeto reformista esboçado nos textos do *Clarté* parece ter predominado na adesão da maior parte de seus membros a projetos como o PSB. Contudo, o Clarté ou seu efêmero antecessor Zumbi cumpriram o papel de difundir informações acerca da experiência revolucionária russa no Brasil, representando “indícios de mudança, que se direcionam também a favor de novos objetivos e forma de luta, isto é, a favor da Rússia soviética e à ideia da necessidade de formação partidária, mesmo que não seja a do modelo bolchevique” (CARONE, 1989: 86). Percebe-se que “o novo começa a romper a crosta que envolve o movimento operário, mas os valores tradicionais não deixam de se representar ainda nessas circunstâncias” (CARONE, 1989: 86). Somente com o início de construção do PCB, que começa a colocar a necessidade de ruptura com capitalismo, ainda que de forma ambígua, apontou-se para a possibilidade de superação dos projetos reformistas que tinham caracterizado as primeiras décadas da República.

## **Referências**

### **Fontes**

*Clarté*, Rio de Janeiro, 1921-1922.

*O Combate*, Rio de Janeiro, 1921.

*L'Humanité*, Paris, 1919.

*A Plebe*, São Paulo, 1919.

*A Vanguarda*, São Paulo, 1921.

## **Bibliografia**

BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BARBUSSE, Henri. *El resplandor en el abismo*. Montevideo: Claudio Garcia, 1921.

BATALHA, Claudio. José Ingenieros e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. *Perseu: História, Memória e Política*, Nº 9, 2013.

CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.

CARONE, Edgard (org.). *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1979.

CORBIERE, Emilio. *El marxismo de Enrique del Valle Iberlucea*. Buenos Aires: CEAL, 1987.

DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Edaglit, 1962.

HALL, Michael e PINHEIRO, Paulo Sérgio. O grupo Clarté no Brasil: da revolução nos espíritos ao ministério do Trabalho. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

INGENIEROS, Jose. *Los tiempos nuevos*. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1950.

JOFFILY, Mariana. *O socialismo na França e no Brasil durante a II Internacional Socialista (1889-1918)*. São Paulo: Alameda, 2012.

PAULINO, Maria Célia. *Tradição e modernidade: Afonso Schmidt e a literatura paulista (1906-1928)*. São Paulo: Annablume, 2002.

SAGRA, Alicia. *A Internacional*. São Paulo: Sundermann, 2010.

SILVA, Michel Goulart da. *Entre a foice e o compasso: imprensa, socialismo e maçonaria na trajetória de Everardo Dias na primeira república*. 2016. 211 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

**Recebido em:** 06 de setembro de 2017

**Aceito em:** 08 de novembro de 2017